

A sustentabilidade no setor exige maior esforço para redução nos refugos de papel

O papel apresenta a magnífica vantagem de ser um produto facilmente reciclado, sendo que suas folhas se reidratam com facilidade, permitindo a individualização de suas fibras e a formação de uma nova folha a partir de folhas já utilizadas. Também, quando recortes de folhas úmidas são feitos na máquina de papel para ajuste nas dimensões das folhas, esses refugos úmidos também podem ser reaproveitados de imediato. É exatamente como acontece em uma padaria (ou em uma fábrica de macarrão): sempre se podem reaproveitar as sobras de massa para que novo produto seja produzido a partir delas. Entretanto, essa mesma vantagem de reciclabilidade e reaproveitamento interno acaba por conduzir a uma filosofia perversa dentro das fábricas, que é a aceitação pacífica da geração de refugos, aparas internas, quebras ou “broke”. Essa perversidade é especialmente aplicável para os refugos de papel acabado, já na forma de folhas ou recortes secos. Como esses refugos são facilmente reprocessados, acaba-se por aceitá-los como parte do processo.

Há geração de refugos em todas as fábricas de papel. Eles se formam na parte úmida da máquina (menos graves), na parte seca e na conversão/acabamento. Conforme o tipo de papel, e dependendo das tecnologias e dos procedimentos operacionais, podemos ter refugos correspondendo a valores entre 10 até 25% da tonelagem bruta do papel produzido nas bobinas/rolos. Só nas operações de conversão (corte de bobinas e de folhas) esses valores chegam a 4% ou mais. Fico sempre me questionando qual seria o processo produtivo que aceitaria tão tranquilamente uma geração tão alta de produtos a serem reprocessados. Imaginem uma fábrica de automóveis tendo que desmontar e montar novamente cerca de 10 a 25% dos carros prontos.

Os refugos mostram diversas perversidades, a pior delas é que ocupam espaço na máquina de fabricação da folha e impedem com isso que mais papel seja produzido. Eles roubam capacidade das máquinas e com isso diminuem a produção de produtos vendáveis. Eles com isso reduzem a produção, a produtividade e aumentam os custos e a geração de poluentes. Além disso, tudo que se agregou de energia, água, produtos químicos,



trabalho humano, etc., na primeira fabricação precisa ser agregado de novo. Uma lástima em termos de ecoeficiência (na verdade, estamos falando de eco-ineficiência).

Uma parte dos refugos possui origem tecnológica – são resultantes de máquinas antigas, com ajustes e manutenções inadequadas. Outra parte se deve aos procedimentos operacionais e ao não atingimento das qualidades especificadas. Temos também muito refugo nos

processos de corte das bobinas e das resmas/folhas, sempre resultando em refilos, formatos fora do requerido e sobras de papéis. Também temos as quebras das folhas nas máquinas e com isso produção de folha seca ou úmida diretamente para o reprocessamento durante certo tempo. Máquinas funcionam em vazio pelo menos uns 20 minutos por dia, ou seja, só por essa causa já temos a chance de gerar cerca de 1 a 1,5% de refugos.

Temos que fazer algo em nossas fábricas - isso deve ser feito urgentemente. Se quisermos praticar sustentabilidade e ecoeficiência, não podemos manter os níveis de refugos atualmente praticados. É preciso mudar tecnologias, conceitos de produção e as formas de gestão de refugos. A maldade dos refugos de papel é econômica, ambiental e também social, pois significa para os operadores trabalhar mais para se fazer um mesmo produto. Ou seja, muito mais trabalho para se produzir a mesma coisa.

Nosso setor de celulose e papel prega o conceito e busca praticar sustentabilidade em suas operações industriais. Um enorme desafio a esse setor para melhorar seus consumos unitários de recursos naturais como água, energia e fibras seria colocar a redução do refugo nas máquinas de papel como uma de suas maiores prioridades. Espero que isso passe a entrar urgentemente nas agendas estratégicas do setor e não apenas das fábricas. Isso porque essa redução não depende apenas de melhorias contínuas nas fábricas e em suas máquinas, mas também de fortes alterações em conceitos tecnológicos e processuais da própria fabricação do papel.